

Afetações Representacionistas: Sintomas comunicacionais de uma visão de mundo desconectada da experiência¹

Clara Celina Ribeiro da Rosa²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Resumo

Este artigo baseia-se em teorias dos chamados movimentos de virada afetiva, cognitiva, ou não-humana, como forma de analisar o presente contexto da comunicação. Considerando discussões sobre o objeto de estudo do campo e as tecnologias digitais que têm sido amplamente utilizadas enquanto meios de comunicação, deseja-se analisar como afetações provenientes de uma visão de mundo baseada em representação e abstração matemática influenciam as pesquisas e práticas comunicacionais contemporâneas. Para tanto, são apresentados casos de afetações provenientes do uso de tecnologias digitais e inteligências artificiais. Por fim, são apresentadas alternativas teóricas e metodológicas e ampliações acerca do objeto de estudo da comunicação.

Palavras-chave: Comunicação; Ciências Cognitivas; Afeto; Abstração; Enação.

Introdução

Com base nos movimentos da virada afetiva e da virada cognitiva, que passaram a repercutir em meados dos anos 1990, trazendo o foco para as materialidades corpóreas e mundanas, e rompendo com dualismos clássicos como razão/emoção, cérebro/corpo e mente/mundo (Regis, 2022), o presente trabalho propõe uma leitura dos fenômenos comunicacionais contemporâneos. Entende-se que os dualismos mencionados, propagados desde o início da Revolução Científica e pelo movimento positivista, influenciaram a história das ciências da comunicação, tanto em um nível teórico, quanto em um nível prático, visto que a ciência impulsiona o desenvolvimento tecnológico e as tecnologias têm constantemente modificado o campo da comunicação. O presente trabalho explora como essas influências positivistas têm sido estudadas e de que forma repercutem nos fenômenos comunicacionais contemporâneos.

Tecnologias que possuem uma base teórica representacionista, privilegiando aspectos lógicos e simbólicos em contraposição a aspectos afetivos e experienciais, atualmente ocupam os meios de comunicação digital. Entende-se que esse cenário alerta para a necessidade de reflexão acerca do objeto de estudo das ciências da comunicação.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, do 26º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 49º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Clara Celina Ribeiro da Rosa é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ, bolsista CAPES-DS, integra o grupo de pesquisa CiberCog - UERJ, e-mail: claracelinadarosa@gmail.com.

Embora nossas tecnologias e ciências possuam uma base representacionista, elas não deixam de fazer parte do mundo e, em contraposição ao que é proposto por seus referenciais, seguem interagindo com corpos e gerando afetações.

Quando a ciência se reduz à abstração

Em “*The Blind Spot: Why Science Cannot Ignore Human Experience*”, os pesquisadores enativistas Adam Frank, Marcelo Gleiser e Evan Thompson (2024) falam sobre o processo histórico que levou as ciências a hipervalorizarem o campo da abstração matemática, perdendo de vista as experiências concretas e corporais. Segundo os autores, fazendo uma analogia com a visão, assim como no ponto cego visual está o nervo óptico, que torna a visão possível, no centro da ciência está a experiência direta, a qual ignoramos, mas “é uma pré-condição para a observação” (p. 12).

Ainda segundo os autores, “as coisas aparecem e se tornam disponíveis graças aos nossos corpos e suas capacidades de sentir e perceber” (2024, p. 12), mas as narrativas contadas a partir das abstrações científicas fazem com que percamos isso de vista. Eles enfatizam que as grandes narrativas científicas sobre a origem e a estrutura do universo, da natureza da vida e da mente são nossos mitos modernos, os quais “orientam nossa compreensão do mundo” (2024, p. 10). A questão é que, por meio das tecnologias atuais, tendemos a concretizar a ideia de que tudo, “incluindo a própria consciência e o próprio conhecimento”, é um “recurso informacional objetivável” (2024, p. 10).

Aspectos semelhantes têm sido apontados por alguns autores no campo da antropologia e dos estudos multiespécies, que buscam compreender as interações entre diferentes seres vivos. O antropólogo Tim Ingold (2017), ao estudar diferentes mitologias e formas de apreensão do conhecimento por meio da experiência, fala sobre o legado que Francis Bacon deixou para a ciência ao separar o que ele chamou como mundo em si mesmo dos mundos imaginários. Ingold argumenta que, para Bacon, a investigação científica sistemática era o único meio pelo qual se poderia chegar à realidade da natureza. Ele acredita que o mandato de Bacon para a Revolução Científica tem tido “consequências terríveis para a vida humana”, pois “tem deixado a imaginação à deriva” (2017, p. 26), como se ela não pudesse dialogar com a realidade, de modo que o conhecimento da natureza só pode ocorrer por meio de decodificação matemática, e não por meio de apreensões afetivas e experiências diretas.

Frank et. al. (2024) pontuam que as abstrações matemáticas são uma importante ferramenta para a ciência e que não se trata de rejeitá-las, mas de passarmos a nos questionar se o modo como fazemos uso delas e como contamos a história das ciências não “distorce a experiência humana e o mundo da vida” (p. 273). Como exemplos desses casos de distorção, eles citam as narrativas que reduzem as pessoas a suas programações genéticas, e que reduzem a mente a estruturas de dados computacionais, como se ambos (genes e mentes) não dependessem de organismos inteiros incorporados a ecossistemas.

Sobre as experiências no campo da comunicação

Desejamos, agora, refletir sobre como as abstrações científicas têm influenciado o campo da comunicação. Fato é que, quando falamos sobre ciências da comunicação, entendemos que seu campo teórico se transforma. Vera França e Paula Simões (2016), ao fazer um apanhado das teorias da comunicação, pontuam que elas “têm sido numerosas e diversificadas ao longo de quase um século de estudo” (p. 42), passando por uma grande reconfiguração ao final do século XX, tendo em vista os “reordenamentos vividos pela sociedade [no] final de século, que dizem respeito a uma verdadeira revolução no campo das tecnologias da informação” (p. 39). Contudo, as autoras apontam que “a matriz epistemológica para pensar o que é mesmo a comunicação não avançou muito” (p. 42), pois apenas recentemente novas teorias começaram “a pensar o processo comunicativo como algo mais complexo” (p. 43), para além do paradigma emissor-mensagem-receptor.

Ao propormos esse questionamento, não desejamos desconsiderar ou ignorar as diversas correntes teóricas que demonstraram um posicionamento crítico frente ao paradigma informacional. Entendemos que ainda na primeira metade do século XX, desenvolvendo-se em paralelo à Escola Funcionalista, a Escola de Chicago possibilitou o desenvolvimento do Interacionismo Simbólico, proposto pelo filósofo Herbert George Mead, perspectiva que não estava interessada em uma leitura linear dos processos comunicativos, mas em visualizá-los como uma troca simbólica e interativa, atravessada por aspectos sociais, questionando a dicotomia entre indivíduo e sociedade (França, Simões, 2017, pp. 92-96). Um pouco depois, por volta de 1950, a Escola de Palo Alto, fundada pelo biólogo e antropólogo Gregory Bateson, também se afasta do paradigma linear, propondo que a comunicação não se limita à transmissão de mensagens verbais, sendo um processo sistêmico que engloba a interação, abarcando uma série de comportamentos e elementos contextuais (Said, Lima, Alves, 2017). A questão é que

embora essas teorias propusessem uma ampliação dos processos comunicativos, seguiram tendo foco no processo representativo de interpretação e na comunicação enquanto característica da vida humana. Por exemplo, embora o Interacionismo Simbólico tenha proposto a ideia de que a sociedade se constitui das ações cooperativas entre diferentes indivíduos, ele distinguia o comportamento cooperativo humano do comportamento cooperativo animal, focando nos aspectos simbólicos da comunicação humana e dando ênfase aos conceitos de sociedade, self e mente (França, Simões, p. 94, 2017). Desse modo, para o interacionismo simbólico, há sempre um processo interpretativo na comunicação, que “só é possível na medida em que os gestos, a externalização do outro traduza as suas intenções – ou seja, contenha significados” (p. 94). Mas todo processo de interpretação e significação ainda pressupõe uma separação entre sujeito e objeto, uma mediação representacionista entre o que se vive e o que se interpreta por meio do processamento simbólico. A Escola de Palo Alto, por sua vez, embora tenha proposto igualdade no “grau de importância do receptor” (Said, Lima, Alves, p. 71, 2017) e afirmado que as dinâmicas nas interações produzem “mensagens complexas que ultrapassam o nível verbal, o nível lógico, mais evidente, e se estendem a níveis mais abstratos que interferem no comportamento humano” (p. 74), mantém os conceitos de emissor e receptor, e não explora a comunicação para além do humano.

Ao escolhermos trabalhar com autores da virada não-humana, queremos ressaltar aspectos não-representacionistas presente nos processos comunicativos, os quais vão além da interpretação e da comunicação simbólica, envolvendo trocas afetivas, pré-conscientes, e ambientais, inclusive com outras espécies e tecnologias. Além disso, entendemos que apesar dos diversos posicionamentos críticos à Escola Funcionalista Americana, um de seus grandes marcos foi o investimento no desenvolvimento de tecnologias de comunicação, o que ainda faz dela uma das principais bases para o contexto comunicacional que vivenciamos atualmente nos meios digitais.

Para seguir com a investigação dessas questões, iremos explorar como a inteligência artificial (IA) têm influenciado a comunicação atualmente, e como teóricos da virada não-humana têm proposto um olhar corporificado nas ciências da comunicação.

O representacionismo na comunicação

Considerando a necessidade de abstração e testagem sistemática da natureza, apresentada pela ciência moderna, não é surpreendente que A Teoria Matemática da

Comunicação, elaborada por Shannon e Weaver, os quais eram profissionais de outras áreas (matemática e engenharia), e estavam tentando encontrar um modo de aprimorar a transmissão de mensagens em canais físicos na companhia telefônica em que trabalhavam, tenha sido adotada como um meio de sistematizar os processos comunicacionais de modo geral. Ainda que o modelo emissor> mensagem> receptor, o posterior estudo dos efeitos proposto por Lasswell (Quem, Diz o quê, Em que canal, Para quem, Com que efeito?) e a Escola Americana de Comunicação (*Mass Communication Research*) como um todo tenha sido questionada por outros movimentos, os meios de comunicação digital propagados por grandes empresas americanas de tecnologia nunca estiveram tão presentes em nosso cotidiano quanto nas últimas décadas.

Os complexos algoritmos por trás das tecnologias digitais revelam as heranças da teoria matemática de comunicação. Entendemos que o papel dos comunicadores já não se reduz à transmissão da informação e que a imparcialidade não é algo humanamente alcançável, mas conforme aponta Talerton Gillespie (2018), ao estudar os algoritmos de relevância pública, as empresas de tecnologia prometem “objetividade algorítmica” (p. 98), justificando que o funcionamento de seus sites de redes sociais e motores de busca são imparciais por conta de seu caráter técnico. O mesmo argumento aparece em discussões recentes sobre as inteligências artificiais generativas. Sabemos que as LLM’s (Large Language Model), construídas a partir de algoritmos de aprendizagem profunda precisam de um longo processo de estruturação, de seleção de dados de determinadas sociedades (e, portanto, não-neutros), com base em uma série de interesses específicos que atravessam as empresas que os geram e os contextos de uso. Ainda assim, considerando que o funcionamento algorítmico ocorre por meio de uma série de regras lógicas, visualizando conteúdos como uma sequência de códigos binários, vemos o ápice da abstração matemática aplicada à redução do caráter social da informação.

Mas, se todo e qualquer conteúdo do mundo pode ser representado em código binário e processado algoritmicamente, não significa que nosso processamento corporal ao utilizar elementos técnicos também possa se reduzir à lógica representacionista.

Tecnologias representacionistas despertam afetos

Quando autores pertencentes à virada não-humana, particularmente à virada afetiva, falam sobre o conceito de afeto, eles estão se referindo a um atributo corporal, pré-consciente, que dá base a todas as experiências de vida (Colombetti, 2014, p. 2).

Conforme o filósofo Brian Massumi (1995), retomando o pensamento de Spinoza, o afeto possui uma “natureza irremediavelmente corporal e autônoma” (p. 222). Com isso, ele quer dizer que o afeto é um compilado de percepções sinestésicas presentes em todas as experiências, que abrem um campo de possibilidades e direcionam nossa forma de agir, mas que fogem de nossa apreensão consciente. O afeto é anterior aos processos avaliativos e emocionais, os quais já são uma forma de tentar direcioná-lo e interpretá-lo.

Nesta sessão, iremos abordar como as afetações decorrentes do uso de tecnologias se fazem presentes, mesmo vivenciando um mundo repleto de narrativas representacionistas. Para tanto, recolhemos algumas reportagens sobre casos que envolvem afetações provenientes de plataformas digitais e inteligências artificiais. Entendemos que essas afetações podem se manifestar de formas mais sutis, como conjuntos de sensações decorrentes do contato com conteúdos gerados em IA em plataformas de redes sociais, as quais os distribuem também com base em processamento algorítmico, até formas mais complexas, envolvendo o estabelecimento de vínculos emocionais com IA's e desencadeando episódios psicóticos.

O primeiro caso selecionado, relacionado às afetações provenientes do uso de redes sociais e seus efeitos à longo prazo, é o da primeira condenação à Meta e ao Google por vício em redes sociais, decorrente do processo de uma jovem de 20 anos que alega ter desenvolvido o vício quando era menor de idade e que o uso contínuo “agravou sua depressão e gerou pensamentos suicidas”. Segundo o canal da Band News TV (2026) no Instagram, o processo abre prerrogativa para cerca de 2 mil processos semelhantes. Não aprofundaremos definições sociais, psicológicas e neuroquímicas aqui, mas em uma breve conceituação, sabe-se que o vício se relaciona à repetição descontrolada de um comportamento associado à liberação do neurotransmissor dopamina, responsável pela sensação de prazer.

Como segundo caso, selecionamos uma reportagem sobre um adolescente de 16 anos que tirou a própria vida após trocar uma série de mensagens se aconselhando com o ChatGPT. No processo aberto contra a OpenAI, a família acusa a empresa de negligência e afirma que o ChatGPT foi responsável “cultivar uma relação que [o levou] a sair de seu suporte real de vida e acreditar que tinha construído um verdadeiro laço emocional com a IA” (França, 2025).

Como terceiro caso, selecionamos uma reportagem sobre uma japonesa de 32 anos que escolheu se casar com um personagem gerado pelo ChatGPT. Segundo ela, o relacionamento não é uma fuga da realidade, mas um apoio para que ela viva sua vida. Além disso, ela relata que após conhecê-lo, "tudo começou a parecer mais bonito — o cheiro das flores, a cidade, tudo parecia mais brilhante" (Reuters, 2025).

Por fim, selecionamos a reportagem da Plataforma Pulsa sobre casos de psicose induzida por Inteligência Artificial. Nela, consta o caso de um canadense de 53 anos que cogitou se candidatar à papa e acreditou ser um grande gênio da ciência após trocar mensagens com o ChatGPT (AFP, 2026).

Os casos relatados demonstram que mesmo com a divulgação de informações sobre a falta de consciência e sobre o funcionamento das inteligências artificiais, as quais operam por meio de uma série de cálculos e treinamentos baseados na identificação de padrões em códigos binários, os usuários não deixam de ser afetados por essas tecnologias. Existem aspectos nos processos comunicativos que estão além de conhecimentos prévios e da forma como costumamos compreender o raciocínio lógico. Não dizem respeito somente ao modo como o indivíduo interpreta ou representa uma informação, mas se fazem sentir de modo corpóreo, desencadeando a produção de sentidos emocionais. Nos casos citados sobre uso de IA, todos os usuários relataram que começaram a utilizá-la como apoio para tarefas práticas, mas algo na interação acabou despertando sensações, que os levaram a buscar outros modos de vinculação.

Ainda que exista uma tradição representacionista na comunicação que orienta as narrativas de que o processamento racional está separado do processamento emocional e que é possível pensar nos processos comunicativos com um afastamento processual entre sujeito e objeto, emissor e receptor, essas narrativas não contribuem para uma maior compreensão das afetações corporais que são despertadas mesmo em relações com máquinas. Pesquisadores da virada não-humana, particularmente envolvidos com a abordagem enativa nas ciências cognitivas, têm pautado algumas dessas questões.

Novas teorias e alternativas relacionais

Com a complexificação dos meios de comunicação proporcionado pelas tecnologias digitais e algorítmicas, os questionamentos sobre o objeto de estudo e sobre quais metodologias podem ser utilizadas nas ciências da comunicação têm sido postos em evidência. É possível perceber um certo incômodo com as limitações do objeto de

pesquisa da comunicação em uma perspectiva representacionista, mesmo entre autores de outras linhas teóricas. Por exemplo, a comunicadora e psicofisiologista Annie Lang (2013), aponta uma mudança de paradigma nas pesquisas de comunicação de massa e a importância de visualizar a comunicação enquanto um processo de troca. Segundo ela, “a comunicação não é a mensagem, nem o que o ser humano recebe, mas sim a interação ao longo do tempo entre a mensagem, o ser humano e o ambiente. Nosso objetivo, como cientistas, é compreender profundamente essa interação ao longo do tempo.” (p. 21).

No Brasil, podemos encontrar discussões sobre o campo sendo propostas por autores como José Luiz Braga (2011), que ao longo dos últimos anos tentou encontrar um objeto comum (e ao mesmo tempo flexível) nas pesquisas de comunicação, explorando o que ele chamou de dispositivos interacionais, um conceito que busca definir os “lugares de observação” (p. 5) dos episódios comunicacionais, os quais são atravessados por uma série de circunstâncias e correspondem à “interação entre pessoas e/ou grupos, de forma interpessoal ou midiaticizada” (p. 4). O pesquisador Muniz Sodré (2006) se aproxima de autores da virada afetiva, particularmente em *As estratégias sensíveis*, quando retoma o pensamento de Espinosa para falar sobre afeto, posicionando-se de modo crítico à razão instrumental, à segmentação entre razão e emoção, ressaltando que as experiências sensíveis apontam que a presença do afeto se manifesta para além dos “atos puramente linguísticos” (p. 11) e que em nossa sociedade, permeada de imagens, pode haver um “encaminhamento político de nossas emoções” (p. 15). Vale destacar ainda a presença dos estudos semióticos aplicados à comunicação, como a tese de Renata Mielli (2025), que fala sobre como as plataformas digitais trazem uma virada emotiva para o campo da comunicação, visualizando as emoções enquanto aspecto relacionado à secundidade, conforme as categorias de Peirce e, portanto, anteriores à lógica da terceiridade. E os estudos de fenomenologia aplicada à comunicação, que conforme Martinez e Silva (2014) falam sobre a apreensão de um mundo que existe para além do julgamento humano.

Contudo, neste artigo queremos trazer o foco para os autores que estão incluídos na chamada virada não-humana (Grusin, 2015a), a qual abarca os movimentos de virada afetiva, cognitiva e antropológica, visto que eles possuem produções no campo da comunicação e que dialogam com a ciência dos sistemas complexos, propondo categorias úteis pra analisar os fenômenos comunicacionais em uma lógica não-linear.

A virada não-humana na comunicação

Conforme a pesquisadora em tecnologias de comunicação e cognição, Fátima Regis (2022), a virada cognitiva fala sobre a passagem de uma ideia de cognição centrada no simbolismo que dividia corpo/mente, razão/emoção, para uma mente que “é corporificada e totalmente acoplada ao ambiente”, englobando “o cérebro, o corpo [...] e o ambiente material e social” (p. 89). A virada afetiva fala sobre como existe uma dimensão afetiva, corpórea e relacional nas produções de sentido, as quais não podem ser explicadas somente por meio de aspectos sociolinguísticos.

O pesquisador de novas mídias, Richard Grusin (2015a), denomina esse movimento de crítica ao dualismo da tradição filosófica ocidental como virada não-humana, abordando como os estudos do século XXI buscam compreender aspectos que não estão centralizados no humano, como “animais, afetividades, corpos, sistemas orgânicos e geofísicos, materialidade ou tecnologias” (p. VII, 2015a). Aplicando o conceito nos estudos de comunicação, Grusin (2015b) propõe a Mediação Radical, a ideia de que nos encontramos e comunicamos “imediatamente no meio, na própria mediação” (p. 129), afastando-se do representacionismo, da crença de que existe uma distinção ontológica entre as representações e as coisas em si mesmas.

Para Grusin, a mediação radical é “afetiva e experiencial, em vez de estritamente visual” (2015b, p. 132), portanto, precisamos “pensar nossa experiência afetiva imediata da mediação como aquilo que é sentido, incorporado, próximo — não distante de nós e, portanto, não iluminado ou retratado” (2015b, p. 132). Além disso, Grusin defende que o “humano nunca pode ser separado do não humano” (2015b, p. 148), tanto na perspectiva de que humanos evoluem em conjunto com tecnologias, mas também na perspectiva de que humanos são simbióticos com outros modos de vida, como bactérias e criaturas microbianas, pois “o próprio corpo humano é uma mediação radicalmente não humana entre outras mediações radicais não humanas” (2015b, p. 148).

A ideia de um modo de comunicação, interação e cooperação complexa entre diferentes seres vivos está presente entre autores da antropologia, dos já citados estudos multiespécies, e entre outras áreas do conhecimento, como a biologia. Donna Haraway, filósofa e doutora em biologia, fala sobre como animais são seres simpoiéticos, isto é, seres que estão sempre agindo em conjunto. Segundo a autora, “Os bichos não precedem suas relações; eles se fazem mutuamente através de involuções materiais e semióticas, a partir de seres oriundos de emaranhamentos anteriores.” (2023, p. 112). Tanto Haraway

(2023) quanto Frank et al (2024) citam o trabalho da bióloga Lynn Margulis, que estudou as bases microbianas da biosfera e demonstra o fundamental papel da cooperação ou, nas palavras de Haraway, da “intimidade entre estranhos” (2023, p. 113) por meio de trocas simbióticas entre diferentes tipos de “células, tecidos, órgãos e espécies” (2023, p. 114) para a evolução da vida.

O resgate destes estudos para o campo da comunicação propõe um deslocamento de seu objeto de estudo que vai muito além da representação, ampliando o campo, visto que a comunicação se dá em muitos aspectos, pré-simbólicos, entre seres de diferentes complexidades. Ao mesmo tempo que atualiza a ideia de mediação para a forma como lidamos com as tecnologias de comunicação contemporâneas, compreendendo que mesmo processos mediados pela técnica envolvem um processamento imediato, orgânico, corpóreo e afetivo, não redutível à abstração.

O teórico de novas mídias, Jussi Parikka (2021), em ‘O que é arqueologia das mídias?’ aborda uma série de estudos sobre questões afetivas relacionadas a comunicação e às novas mídias, com ênfase para o capítulo, ‘A arqueologia das mídias dos sentidos: o audiovisual, o afetivo e o algorítmico’. O também pesquisador de novas mídias e de artes digitais, Mark B. N. Hansen (2000, 2004, 2006), desenvolveu uma série de estudos baseados na experiência proporcionada por meio de obras de arte e tecnologias digitais, ressaltando aspectos afetivos para além da visualidade.

Ressalto ainda os estudos que têm sido realizados pelos professores da pós-graduação em comunicação da UERJ, na linha de pesquisa em Tecnologias de Comunicação e Cultura. Fátima Regis (2022, 2023) têm proposto a aplicação da Teoria dos Sistemas Dinâmicos ao campo da comunicação. No primeiro semestre de 2025, ao longo da disciplina História das Tecnologias de Comunicação / Políticas poéticas do filme ensaio no cinema do antropoceno, a professora Patrícia Rebello propôs aproximações dos estudos multiespécies aos estudos de comunicação, refletindo sobre como retratamos nossa relação com os animais em produções audiovisuais. E, no segundo semestre de 2025, na disciplina de Tópicos Especiais em Tecnologias da Comunicação III: Comunicação, Simbiogênese e Epistemologias Sônicas como Modos de Cultivo de Relação com Si mesmo, com o Outro e com o Meio-Ambiente, o professor Vinicius Pereira propôs uma visualização da comunicação enquanto um processo bio-orientado, que deveria ter como objeto de pesquisa o campo relacional.

A ciência dos sistemas complexos e novas categorias de análise

A fundação da abordagem enativa, que ocorre a partir da publicação do livro *The embodied mind: Cognitive Science and Human Experience*, desenvolvido por Varela, Thompson e Rosch (1991) foi um marco importante para o movimento de virada nas ciências cognitivas, pois propôs que a cognição é corporificada, e mais do que isso, atuada, enagida a partir das ações de um ser no mundo. A enação propõe algumas categorias de análise ou dimensões existenciais, baseadas na ciência dos sistemas complexos. A ciência dos sistemas complexos, em contraposição aos sistemas simples, que se caracterizam pela linearidade, pela presença de “apenas duas ou três variáveis” e pela previsibilidade (Regis, 2022, p. 67), investiga sistemas dinâmicos, com variáveis que não possuem “uma relação constante de proporcionalidade” (p. 67) e não podem ter seu comportamento previsto, visto que “possuem um grande número de componentes interligados por um grande número de conexões e que se distribuem em agregados hierarquizados” (Oliveira, 2003, pp. 148-149). Conforme explica o cientista Luiz Alberto Oliveira (2003), nossos corpos são um exemplo de sistema dinâmico, pois possuímos células, que formam tecidos, que formam órgãos, que formam diferentes sistemas orgânicos (respiratório, cardíaco, etc.), que exercem uma complexa interação um em relação aos outros e podem inclusive modificar sua própria estrutura.

Contudo, embora sistemas complexos não sejam preditivos, é possível observar algumas dimensões que fazem parte de seu funcionamento, as quais também podem ser aplicadas aos fenômenos comunicacionais: A primeira dimensão é o acoplamento, a segunda é a auto-organização e a terceira é a emergência.

Conforme a filósofa Giovanna Colombetti (2014), o acoplamento diz respeito à influência que os sistemas exercem sobre o comportamento uns dos outros ao longo do tempo. A auto-organização fala sobre uma ordem que se estabelece justamente por conta dessas múltiplas influências entre componentes pertencentes a um sistema, entre sistemas e entre aspectos de uma ordem ou sistema maior, como do meio ambiente, sobre o sistema. E a emergência fala sobre a possibilidade de surgirem novos comportamentos, também por conta dessas múltiplas influências (pp. 54-56). O fundador do enativismo, Francisco Varela (2003) explica que a emergência surge dos colapsos que os seres enfrentam em suas experiências no mundo. Ou seja, a cada colapso (situação imprevisível), os seres precisam encontrar um modo de agir. Cada colapso articula o que

Varela (2003) chama de “micromundo”, um novo contexto no qual precisamos agir de uma nova forma, compondo uma série de “microidentidades” (p. 77).

A abordagem enativa também propõe a presença de três modos de atividade corporal, para sistemas dinâmicos vivos. Esses três modos estão relacionados às categorias recém apresentadas. Conforme a explicações dos filósofos Giovanna Colombetti e Evan Thompson (2007), são eles: a autorregulação, o acoplamento sensório-motor e a interação intersubjetiva. A autorregulação propõe que sistemas dinâmicos vivos buscam formas de manter-se equilibrados, buscando modos de se regular quando se encontram, por exemplo, em estados de frio, fome, sono ou quando enfrentam determinados estados emocionais. O acoplamento sensório-motor fala sobre como o corpo se encontra em constante interação com o mundo, gerando contínuas percepções e prontidões para ação, conforme o conceito de emergência anteriormente mencionado, a enação não separa percepção de ação, ela propõe que percebemos o mundo enquanto agimos no mundo, e diferentes contextos (micromundos) possibilitam diferentes ações perceptivas. E, por fim, a interação intersubjetiva fala da capacidade que os corpos possuem de sintonizar-se com outros corpos, de alguma forma sendo capazes de gerar compreensões comuns, atributo essencial nos processos comunicacionais. Os autores Di Paolo, Cufari e De Saegher (2018) falam mais sobre a interação intersubjetiva no livro *Linguistic Bodies: The Continuity Between Life and Language*.

Considerando as categorias de análise enativa, ao analisarmos os fenômenos comunicacionais, como os casos citados de interação com inteligências artificiais, devemos considerar que pessoas são sistemas dinâmicos vivos que estão se relacionando com tecnologias baseadas em sistemas preditivos, lineares. Desse modo, embora a inteligência artificial faça uma leitura linear das ações humanas, traduzida em bits e padrões estatísticos, essa interpretação apenas reflete o seu próprio modo de funcionamento. Do outro lado, humanos tendem a buscar sintonização, e mesmo que saibam que estão lidando com tecnologias, continuarão operando de modo a buscar autorregulação emocional, sentido em suas próprias ações e sintonização com outros sistemas. Para a enação, o conceito de produção de sentido está atrelado à sobrevivência e regulação de um corpo no mundo. Em formas de vida mais simples, isso significa compreender o ambiente e buscar autorregulação, mas em formas de vida mais complexas, pode significar a busca pela manutenção das microidentidades. Nos casos de

peessoas que se envolveram emocionalmente com inteligências artificiais, não podemos dizer que elas não estavam produzindo sentido e que não existia uma racionalidade por trás deste envolvimento. De alguma forma, na situação de vida em que elas se encontravam, as tecnologias ofereceram suporte. Nos casos de vício em redes sociais, por exemplo, entende-se que o organismo de alguma forma tentou manter o equilíbrio e fazer sentido no contexto em que se encontrava (uma sociedade repleta de redes sociais). Dizer que existe racionalidade nos processos, no entanto, não significa dizer que ela opera à despeito de processos afetivos e emocionais. Para a enação, as emoções já são um modo de avaliação racional (Colombetti, Thompson, p. 58, 2007), pois configuram uma elaboração das apreensões afetivas.

Considerações Finais

Os processos de abstração da natureza que foram importantes para a consolidação da Revolução Científica se fizeram presentes também nas ciências da comunicação. O desenvolvimento de tecnologias e as formas de ver o mundo possibilitadas pelo pensamento abstrato proporcionaram grandes mudanças na forma como experienciamos a vida. Contudo, também nos afastaram das vivências imediatas, afetivas e sensoriais, gerando uma série de sintomas.

Novas linhas teóricas propõem que estudos de aspectos afetivos sejam aplicados ao campo da comunicação. Essas propostas tendem a ampliar o objeto de estudo do campo, visto que a preocupação deixa de ser com a mera transmissão de mensagens, em uma perspectiva representacionista e focada nos meios tecnológicos, e passa a ser a compreensão dos processos de troca que envolvem diferentes atores, com diferentes histórias de vida, em diferentes ambientes (com a inclusão de atores não-humanos, como bactérias e tecnologias).

Embora essa ampliação possa parecer, em um primeiro momento, infinita, visto que não existe nenhum momento no qual não estejamos em interação, o presente trabalho destaca a importância de investigar aspectos orgânicos presentes em nossas relações com as tecnologias digitais, visto que elas atualmente constituem grande parte de nossos ambientes interativos e somos a todo momento afetados. Com isso em vista, foram apresentados atributos dos sistemas dinâmicos e modos de atividade corporal dos sistemas dinâmicos vivos, ambos explicados por cientistas enativistas, os quais podem servir como base para análise de fenômenos comunicacionais.

Referências

- AFP, Daniel Lawer. ‘Eu me candidatei a papa’: O que é a psicose induzida por IA. Plataforma Pulsa. **Estadão**. 2026. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/pulsa/futuro-e-inovacao/eu-me-candidatei-a-papa-o-que-e-a-psicose-induzida-por-ia/> Acesso em 19/06/2026.
- BRAGA, José Luiz Warren Jardim Gomes. Dispositivos interacionais. In: **ANAIS DO 20º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2011, Porto Alegre. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2011/trabalhos/dispositivosinteracionais?lang=pt-br>>. Acesso em: 19 jun. 2026.
- COLOMBETTI, Giovanna. **The feeling body**: Affective science meets the enactive mind. MIT press, 2014.
- COLOMBETTI, Giovanna; THOMPSON, Evan. The feeling body: Toward an enactive approach to emotion. In: **Developmental perspectives on embodiment and consciousness**. Psychology Press, 2007. p. 61-84.
- DI PAOLO, Ezequiel, DE JAEGHER, Hanne & CUFFARI, Elena. **Linguistic Bodies**: The continuity between Life and Language. Cambridge, MIT Press, 2018.
- FRANÇA, Valéria. Suicídio de adolescente nos EUA abre debate sobre os limites do uso de IA nas terapias. In: **VEJA – Tecnologia**, 5 set. 2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/tecnologia/suicidio-de-adolescente-nos-eua-abre-debate-sobre-os-limites-do-uso-de-ia-nas-terapias/>. Acesso em: 09/01/2026.
- FRANÇA, Vera V.; SIMÕES, Paula G. **Curso básico de teorias da comunicação**. Autêntica, 2017.
- FRANK, Adam; GLEISER, Marcelo; THOMPSON, Evan. **The blind spot: Why science cannot ignore human experience**. MIT Press, 2024.
- GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos. **Parágrafo**, v. 6, n. 1, p. 95-121, 2018.
- GRUSIN, Richard. **The nonhuman turn**. University of Minnesota Press, 2015(a).
- GRUSIN, Richard. Radical mediation. **Critical Inquiry**, v. 42, n. 1, p. 124-148, 2015(b).
- HANSEN, Mark BN. **Embodying technesis**: Technology beyond writing. University of Michigan Press, 2000.
- HANSEN, Mark BN. **New philosophy for new media**. MIT press, 2004.
- HANSEN, Mark BN. **Bodies in code**: Interfaces with digital media. Routledge, 2006.
- HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: n-1 edições, v. 320, 2023.
- INGOLD, Tim. **Sonhando com dragões**: sobre a imaginação da vida real. ClimaCom [Online], Campinas, Trad. Sebastian Wiedemann, ano 4, n. 10, Dez. 2017 . Available from: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=7994>

LANG, Annie. Discipline in crisis? The shifting paradigm of mass communication research. **Communication theory**, v. 23, n. 1, p. 10-24, 2013.

MARTINEZ, Monica. SILVA, Paulo. FENOMENOLOGIA: O Uso Como método Em Comunicação. **E-Compós**, vol. 17, nº 2, dezembro de 2014, doi:10.30962/ec.1012.

MIELLI, Renata Vicentini. **Plataformas sociodigitais e a virada emotiva da comunicação - Como a disseminação de conteúdos de caráter moral-emocional está esfacelando a esfera pública e comprometendo a democracia**. 2025. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025. doi:10.11606/T.27.2025.tde-11082025-131251. Acesso em: 19/06/2026.

OLIVEIRA, L. A. “Biontes, bióides e borgues”. In: NOVAES, A. (org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 139-173.

PARIKKA, Jussi. **O que é arqueologia das mídias?** 1. Ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.

PEREIRA, Vinicius. **Tópicos Especiais em Tecnologias da Comunicação III: Comunicação, Simbiogênese e Epistemologias Sônicas como Modos de Cultivo de Relação com Si mesmo, com o Outro e com o Meio-Ambiente (Disciplina)**. Mestrado em Comunicação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. RJ, 2025.

@radiobandnewsfm. Justiça dos EUA condena Meta e Google por danos à saúde mental de jovens [post]. **Instagram**. 2026. Disponível em: <https://www.instagram.com/reels/DWWI8oCku1X/>. Acesso em 19/06/2026.

REBELLO, Patrícia. **História das Tecnologias de Comunicação: Políticas poéticas do filme ensaio no cinema do antropoceno: sobre fabulações narrativas e filmes de barbante (Disciplina)**. Mestrado em Comunicação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. RJ, 2025.

REGIS, Fátima. **Cognição e afeto na comunicação: conectando corpo, mente, meio e tecnologia**. Porto Alegre: Sulina, 2022.

REGIS, Fátima. **Nós, ciborgues: tecnologias de informação e subjetividade humano-máquina**. 2. ed. revisada, atualizada e ampliada. Curitiba: PUCPRESS, 2023. 276 p.

REUTERS. Vídeo: japonesa se casa com personagem do ChatGPT: “Me apaixonei”. In: **G1 – Inovação**. 19 dez. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/inovacao/noticia/2025/12/19/video-japonesa-se-casa-com-personagem-do-chatgpt-me-apaixonei.ghtml>. Acesso em: 09/01/2026.

SAID, Gustavo Fortes; LIMA, Camila Calado; ALVES, Thiago Meneses. Não leia este texto! A escola de Palo Alto e os paradoxos comunicacionais. **Comunicologia**, v. 10, n. 2, p. 70-84, 18 dez. 2017.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Mauad Editora Ltda, 2006.

VARELA, Francisco J. O reencantamento do concreto. **Cadernos de subjetividade**, n. 11, p. 71-86, 2003.